

VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO: FEMINISMO NEGRO E INTERSECACIONAL

Cryseverlin Dias Pinheiro SANTOS (IFMS - Corumbá)¹.

RESUMO:

O presente artigo é um relato de experiência fruto do projeto “Feminismo negro e interseccional no contexto escolar”, realizado com os (as) estudantes do 8º ano de uma escola municipal de Corumbá-MS. O objetivo principal do projeto foi proporcionar aos educandos o conhecimento sobre o feminismo negro a partir dos conceitos de gênero, raça, classe e outras interseccionalidades. Neste escopo, o projeto foi composto por três atividades principais: o clube de leitura, a roda de conversa e as oficinas, realizadas no período 2022.2 a 2023.1. As atividades foram ministradas por docentes do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) e contaram com a colaboração de três estudantes bolsistas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul, *Campus* Corumbá (IFMS-CB), além de duas voluntárias. As atividades realizadas no projeto visaram promover o fortalecimento da identidade negra, o empoderamento feminino; o combate ao machismo, ao racismo, e as demais opressões. Através do projeto foi possível criar um espaço de aprendizado e trocas de experiências, onde os (as) estudantes expuseram os conhecimentos prévios sobre o assunto, questionaram, refletiram, reelaboraram o conhecimento e vivenciaram na prática as atividades. Destarte, considerando que o machismo, o racismo e a desigualdade social, estão fortemente presentes na sociedade, é fundamental continuar desenvolvendo as ações deste projeto.

Palavras-chave: negritude, mulheres, escola.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo consiste em um relato de experiência fruto do projeto de extensão “Feminismo Negro e interseccional no contexto escolar”, aprovado no Edital n.º

¹ Professora EBTT do IFMS - e-mail: cryseverlin.santos@ifms.edu.br



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

019/2022 – Pró-Reitoria de Extensão do IFMS, e coordenado pela pesquisadora. O projeto teve como intuito proporcionar aos estudantes de uma escola municipal de Corumbá-MS o conhecimento sobre o feminismo negro em uma perspectiva interseccional, e, assim, possibilitar a reflexão, bem como o combate a estrutura machista, sexista, racista e discriminatória da nossa sociedade.

Para tanto, é essencial desconstruir ideias estereotipadas e levá-los (as) a compreender que o Movimento Feminista não é um movimento contra homens. Para a autora bell hooks (2019, p.17), em sua obra “O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras”, o feminismo trata-se de “um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista, e as opressões”. Portanto, trata-se de um movimento emancipatório, de libertação de homens e mulheres que lutam contra modelos de comportamento resultados de construções culturais e históricas, que estão ligados a interesses políticos e econômicos de diferentes grupos.

Nesse sentido, as ações do projeto não foram destinadas apenas as meninas, mas também, aos meninos, de modo que pudessem contribuir com as discussões, com vistas a transformar a realidade em que estão inseridos. Conforme Chimamanda Ngozi Adichie, em “Sejamos Todos Feministas” (2014, p.48) “a cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura”. Por isso, é importante trabalharmos para desconstruir o conceito de gênero, que histórica e culturalmente estabeleceu papéis para serem assumidos por homens e mulheres na sociedade.

Vale ressaltarmos que os diversos movimentos feministas que se organizaram ao longo da história foram e são extremamente importantes na busca por uma sociedade mais justa e igualitária. Entretanto, as lutas e conquistas provenientes desses movimentos não foram suficientes para romper com o machismo, o patriarcado, as violências e opressões existentes na sociedade.

Diante do exposto, verificamos a urgência por debates que evidenciem as diversas opressões vivenciadas pelas mulheres a partir do gênero, raça/etnia,



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

classe, sexualidade e orientação sexual. Portanto, o projeto feminismo negro buscou trabalhar a partir da perspectiva interseccional. Conforme Ribeiro (2018, p. 123) o termo foi cunhado por Kimberlé Crenshaw (1989), e busca identificar “as consequências estruturas dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” que criam desigualdades e estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Desse modo, entendemos que era fundamental iniciar as discussões do projeto “Feminismo negro e interseccional no contexto escolar” a partir de pensadoras feministas negras e abordar também as feministas transexuais.

2 O MOVIMENTO FEMINISTA E A NEGRITUDE

As mulheres sofreram ao longo da história um processo de silenciamento e apagamento de suas lutas, resistências e conquistas, muitas chegaram até mesmo a morrer para defender seus ideais. O movimento feminista surge no contexto iluminista, no qual mulheres passaram a refletir de modo teórico sobre as condições da mulher. O engajamento feminino ocorreu após a Revolução Industrial, período que modificou o modo de produção até então vigente e passou a utilizar largamente a mão de obra feminina nas fábricas.

No século XIX as mulheres se organizam enquanto movimento e passam a reivindicar igualdade de direitos sociais e políticos, com destaque ao sufrágio feminino, dessa forma, passaram a ser conhecidas como *suffragettes*. Conforme a filósofa Angela Davis, em sua obra “Mulheres, raça e classe” (2016) esse movimento, era prioritariamente, liderado por mulheres brancas da classe média alta que nada fazia pela pauta da população negra. As mulheres estadunidenses, por exemplo, que lutavam pelo voto feminino no século XIX, não batalharam pela emancipação de suas irmãs negras, as quais também lutaram pelo voto para as mulheres (DAVIS, 2016).



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

Além disso, a ideia de fragilidade, delicadeza e incapacidade não se estendia às mulheres negras, cujo trabalho era explorado desde o século XV. Conforme Davis (2006), a exaltação da maternidade não se estendia às mulheres negras escravizadas, pois para seus proprietários eram vistas como reprodutoras. Deviam cuidar dos filhos dos seus proprietários enquanto muitas vezes os seus filhos eram vendidos. Ainda consoante a autora as mulheres negras escravizadas eram vistas como desprovidas de gênero, mas quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas as mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente a sua condição de fêmea (DAVIS, 2006).

Assim, a chamada “primeira onda do movimento feminista” buscava a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Contudo, os movimentos feministas desse período não se preocuparam em denunciar e lutar contra o racismo, a discriminação e outras formas de opressões.

Nessa perspectiva, devemos ressaltar que não existe o ideal universal da categoria mulher, ainda que tenha sido utilizado o discurso homogeneizador no início do movimento feminista, o qual considerou apenas os interesses de mulheres brancas e da classe média. Para Letícia Nascimento, em sua obra “Transfeminismo” (2021), é fundamental que o conceito de gênero não seja universal, sugerindo o uso de “mulheridades, um termo que pluraliza a noção de mulher e de feminilidades, no intuito de reconhecer que existem performances de gênero femininas experimentadas por corpos que não necessariamente se sentem como mulheres” (NASCIMENTO, 2021, p.55).

No Brasil o movimento feminista iniciou no século XIX, e as suas reivindicações pautavam-se ao direito de voto e ao trabalho, assim como os demais movimentos da chamada primeira onda do feminismo. Nesse período, se destaca a participação de operárias anarquistas que contribuíram na criação do movimento feminista brasileiro, denunciando a forte desigualdade de gênero refletida na “difícil vida das operárias com longas jornadas de trabalho, as péssimas condições,



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

ambientes insalubres, baixos salários, maus tratos e, infelizmente, o assédio sexual” (FELGUEIRAS, 2017, p.114).

A “segunda onda do feminismo” ocorre a partir da década de 1960, nesse período, ampliaram os estudos e teorias que buscavam compreender as opressões que as mulheres vivenciavam, e questionavam a ideia de mulher e de feminilidade. No Brasil, a “segunda onda” iniciou por volta de 1970, além de lutar pela “valorização do trabalho, pelo direito ao prazer e contra a violência sexual, [...] combateu a ditadura militar” (RIBEIRO, 2018, p. 45).

Durante os anos de ditadura militar as mulheres resistiram de diferentes formas, no movimento estudantil, sindicatos partidos políticos, se organizaram em clubes de mães, associações de bairros, comunidades religiosas, em movimentos contra a carestia e por mais creches e até mesmos, pegaram em armas na tentativa de derrubar o regime militar (FELGUEIRAS, 2017, p. 115).

No entanto, a participação feminina não significou necessariamente a luta por igualdade entre os sexos, mas a oposição ao regime vigente. Além disso, essa participação demonstrou a força da mulher e oposição ao papel tradicional que deveriam seguir. (FELGUEIRAS, 2017, p.115).

Nesse período é importante mencionar a Primeira Conferência Mundial sobre as Mulheres, ocorrida em 1975, na Cidade do México, no qual a Organização das Nações Unidas definiu como o Ano Internacional das Mulheres. Tal fato contribuiu na criação e fortalecimento de organizações e jornais feministas em diversos países do mundo. Ademais, foi na “segunda onda do feminismo”, tanto no exterior quanto no Brasil, que o movimento feminista negro começou a ganhar força, conforme Ribeiro (2018, p.45), as mulheres negras passam a lutar para serem reconhecidas enquanto sujeitos políticos.

A “terceira onda de feminismo” ocorre por volta de 1990, marcada pela desconstrução da categoria “mulher”, enfatiza a questão do feminismo da diferença, reconhece que as mulheres sofrem opressões múltiplas de acordo com suas singularidades e possuem demandas específicas. No Brasil a “terceira onda do



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

movimento feminista” representa a ampliação e fortalecimento das vertentes do feminismo negro, do transfeminismo, a luta por representatividade, ampliação de políticas públicas voltadas às demandas específicas das mulheres, com debates sobre discriminação racial, genocídio da população negra, de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, + - que representa demais orientações sexuais e identidades de gênero (LGBTQIAP+), entre outras temáticas interseccionais. Vale ressaltarmos que as pautas anteriores, não foram abandonadas, mas continuam sendo objeto de luta dos movimentos feministas.

Destarte, acreditamos, conforme Carneiro (2003, p.18), que é preciso “enegrecer o feminismo”, de modo a assinalar e “revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construído em sociedades multirraciais e pluriculturais”. Nessa perspectiva, precisamos compreender que os feminismos são plurais, que existe uma multiplicidade de mulheres, com demandas específicas. Porém, para transformar a sociedade não basta lutar apenas pelas pautas que nos afetam é preciso trabalhar em uma perspectiva interseccional.

3. METODOLOGIA

O projeto de extensão “Feminismo Negro e Interseccional no contexto escolar” foi aprovado pelo Edital n.º 019/2022 - PROEX/IFMS, coordenado por esta pesquisadora, tendo como membros oito docentes do NEABI-CB, três estudantes bolsistas, uma estudante voluntária e uma ex-aluna do *Campus* Corumbá. O projeto contou com recurso total de R\$500,00, destinados a gastos de papelaria, além de bolsas para três estudantes, sendo duas estudantes do Ensino Médio Integrado, (do curso Técnico em Metalurgia e do Técnico em Informática), e uma do curso superior em Tecnólogo em Processos Metalúrgicos do IFMS-CB, no período agosto de 2022 a julho de 2023.



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

As bolsistas contribuíram ativamente nas atividades do projeto como: na preparação do material de leitura; na organização da sala de aula para os encontros; na preparação do material para as oficinas; na mediação de um grupo de *whatsApp* para informar/orientar os (as) participantes sobre as ações do projeto; no registro fotográfico das ações desenvolvidas, na produção de textos para divulgar o projeto nas redes sociais do IFMS *Campus* Corumbá.

Os encontros foram realizados na escola parceira e no IFMS-CB. As datas foram definidas conforme disponibilidade e autorização da direção escola parceira. No primeiro momento, realizamos um encontro com os membros do projeto, onde definimos as primeiras ações e atividades. Em seguida, realizamos o contato com a escola parceira, e apresentamos o projeto à direção e coordenação escolar.

O projeto consistiu em três etapas principais, o clube de leitura, as rodas de conversa, e, em seguida as oficinas. Cada atividade foi ministrada por pelo menos dois membros do projeto, as estudantes bolsistas, além do acompanhamento de pelo menos um (a) professor (a) do 8º ano. A ideia inicial eram realizar as atividades com uma turma de 8º ano, mas devido à solicitação da coordenação da escola, realizamos as atividades os 8ºs anos A, B e C.

4. OS RESULTADOS DO PROJETO

O projeto “Feminismo Negro e interseccional no contexto escolar” realizou em 2022.2, dois encontros com estudantes das três turmas de 8º ano, com duração de duas horas cada, sendo uma hora para realizar o clube de leitura e a roda de conversa, e uma hora para realizar as oficinas. Em 2023.1, as atividades foram realizadas do mesmo modo, porém, a direção do *Campus* Corumbá conseguiu um ônibus que trouxe os (as) estudantes para participar das atividades no IFMS-CB.

No clube de leitura foi possível abordar quatro temáticas. A primeira consistiu em trabalhar com Feminismo negro: história, lutas e resistências. De início foi realizada uma dinâmica de “quebra-gelo”, para conhecer um pouco da turma. Em



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

seguida, os (as) estudantes escreveram, em *post-it*, o que conheciam sobre o feminismo. Na sequência, realizaram a leitura e interpretação de dois capítulos da obra "Quem tem medo do Feminismo Negro" da Djamila Ribeiro.

Em seguida, foi realizada a interpretação da música "Não precisa ser Amélia" de Bia Ferreira e uma roda de conversa sobre a temática. Os (as) estudantes conseguiram relacionar os temas apresentados com as desigualdades, o racismo e os diversos tipos de violência que atingem as mulheres na atualidade. O grupo também apresentou sugestões de como devem atuar no dia a dia para romper com as práticas machistas e sexistas.

A segunda temática do clube de leitura foi a "Literatura Negra e Trans", onde os (as) estudantes realizaram a leitura e interpretação de trechos de textos da autora Carolina Maria de Jesus. Em seguida, ainda que brevemente, conheceram sobre a trajetória das escritoras negras Beatriz Nascimento, Carolina Maria de Jesus, Tiffany Odara, Meg Raynara, Kelvin Valentim e Conceição Evaristo, e, discutiram sobre a invisibilidade de suas produções, suas lutas e resistências.

Desse modo, trabalhamos com os (as) estudantes que à violência de gênero atinge a todas as mulheres, mas atinge de forma mais grave aquelas que combinam mais de uma opressão (RIBEIRO, 2018, p. 33). Conforme Lélia Gonzáles, em sua obra "Por um feminismo afro-latino americano" (2020, p.58), ser negra e mulher no Brasil é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão.

A terceira temática do clube de leitura foi "Beleza Negra". Nesse encontro foi realizada a leitura e discussão do texto "A beleza negra será política até que seja vista como natural", do Portal Geledés. Nesse momento, a partir da temática do feminismo negro, trabalhamos a importância de conhecer a história e cultura da população negra, da representatividade e de valorizar o cabelo crespo e cacheado.

Segundo Ribeiro (2018, p. 135) o movimento feminista negro "é coletivo e possibilita empoderar a si e aos outros e colocar as mulheres como sujeitos ativos da mudança". Portanto, o movimento contribui para romper com as relações



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

desiguais de poder entre os gêneros, luta pela equidade, pelo direito de autonomia das mulheres “por suas escolhas, por seu corpo, por sua sexualidade”. Ademais, para a autora quando uma mulher se empodera ela pode contribuir para empoderar outras (RIBEIRO, 2018, p. 136).

A quarta temática abordada no clube de leitura foi sobre o “Racismo”. Nesse encontro os (as) estudantes realizaram a leitura do texto "Perceba o racismo internalizado em você", capítulo do livro “Pequeno Manual Antirracista”, de Djamila Ribeiro (2019). Na sequência, realizamos uma roda de conversa para discutir sobre um vídeo que abordava frases racistas utilizadas pelas pessoas. Nesse sentido, após as discussões iniciais os (as) estudantes formaram grupos e trabalharam na desconstrução de frases racistas utilizadas no cotidiano.

O intuito foi demonstrar que o racismo está presente em nossa sociedade e suas consequências são devastadoras, por isso, é suficiente não ser racista, é preciso ser antirracista. Desse modo, foi trabalhado com os (as) estudantes sobre a importância de mudar de atitude, ampliar os conhecimentos e contribuir na luta para a inclusão e valorização da população negra, feminina, LGBTQIAP+, dentre outras, que são historicamente oprimidas.

No terceiro momento do projeto ocorreram as oficinas. Nos encontros foram oferecidas pelo menos duas oficinas, desse modo, muitos (as) estudantes alternaram entre as atividades. Na oficina de tranças, inicialmente apresentamos a história das tranças em mulheres negras, contextualizando a resistência da negritude, e, assim, trabalhando com o cabelo, que é um dos principais elementos de autoafirmação da identidade negra. Em seguida, foi ensinado o modo de trançar o cabelo, contando com uma estudante que serviu como modelo.

Na oficina de maquiagem para pele negra, tivemos a colaboração de uma aluna e um aluno negro que serviram como modelos. Assim, apresentamos como devem ser realizados os cuidados iniciais com a pele, a proteção e preparação para receber a maquiagem, além de algumas dicas de maquiagem específicas para pele negra. Essa oficina não teve intuito de divulgar marcas ou apresentar uma



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

maquiagem para festividades. Os produtos utilizados foram adquiridos pela coordenadora do projeto e por uma das estudantes colaboradoras do projeto que é maquiadora, desse modo, sem custo algum para os (as) estudantes.

Ambas as oficinas foram ministradas por uma estudante voluntária e uma ex-aluna do IFMS-CB, contando com a presença de duas docentes do projeto. O objetivo principal das oficinas citadas acima foi criar um espaço de aprendizado, trocas de experiências, e, assim, valorizar a beleza negra e contribuir no fortalecimento da identidade negra.

Na oficina de jogos de origem africana os (as) estudantes demonstraram muita curiosidade ao aprender sobre a origem e a forma de jogar. Em seguida, usaram a criatividade para confeccionar os próprios jogos (utilizando cartolinas, papel cartão, tintas, colas coloridas, entre outros). A prática do jogo "terra e mar", de Moçambique, provocaram muitas risadas entre o grupo, que pode se exercitar e divertir. Na sequência, receberam as orientações dos membros do projeto, e passaram a jogar outros jogos, como "dara Nigéria", "borboleta de Moçambique", "mancala", "labirinto" e "anel africano".

Durante a oficina, os (as) estudantes foram questionados se conheciam os jogos, se a forma de jogar era parecida com algum jogo que já tinham praticado. Dentre as respostas foram unânimes o desconhecimento dos jogos apresentados, porém, quanto ao segundo questionamento, muitos conseguiram relacionar com jogos praticados no Brasil, como o jogo "terra e mar" com o jogo "morto e vivo", "borboleta de Moçambique" com a "dama".

A última atividade proposta no projeto foi o *workshop* de *Hip Hop dance* foi ministrado pela ex-aluna do IFMS-CB. Inicialmente, a atividade contou com uma roda de conversa onde o grupo aprendeu brevemente sobre a história do *Hip Hop*. No segundo momento, conheceram os passos sociais que fundamentam dançar o *Hip Hop*, e, na sequência, vivenciaram a coreografia que consistiu na sequência de movimentos combinados com a contagem, técnicas e força, realizada por todos de maneira parecida, formando assim uma apresentação de dança em grupo.



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

A partir da experiência do *workshop* foi possível observar que os (as) estudantes ficaram atentos ouvindo sobre a história do *Hip Hop dance*. Porém, foi durante a prática que ficou evidente a concentração, movimentação e entusiasmo do grupo ao participar da dança. Os sorrisos estiveram presentes nos rostos dos (as) estudantes, inclusive das docentes da turma que acompanharam a dança.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades desenvolvidas do Projeto de Extensão “Feminismo Negro e interseccional no contexto escolar”, abordou uma gama de assuntos relacionados ao feminismo negro com os (as) estudantes de uma escola municipal de Corumbá-MS. No decorrer do projeto contamos com a participação efetiva dos (as) estudantes, que demonstraram ter conhecimento prévio sobre alguns assuntos discutidos. Nesse contexto, verificamos que muitos já conheciam alguns pontos da luta feminista, como igualdade de gênero e salarial. Porém, em sua maioria, desconheciam o racismo presente nos primeiros movimentos feministas, as lutas do feminismo negro, e escritoras feministas negras e trans.

No que tange as dificuldades encontradas, recebemos da escola parceira do projeto a informação de uma reclamação na ouvidoria do município sobre a temática discutida na roda de conversa, em 2022.2, no qual, constou a indignação quanto ao projeto devido levar aos estudantes adolescentes informações sobre os movimentos LGBT e incentivá-los. Tal reclamação, por um lado, entristece o grupo, pois, a intenção foi proporcionar o conhecimento acerca da trajetória de escritoras negras que sofreram/sofrem com a invisibilidade de suas produções, ademais, a temática LGBTQIAP+ foi abordada, mas não aprofundada. Por outro lado, reforça entre o grupo a necessidade de continuar desenvolvendo projetos como este.

Destarte, acreditamos que o projeto “Feminismo Negro e interseccional no contexto escolar” ao criar um espaço de aprendizado e trocas de experiências, possa estimular os (as) estudantes a continuar o processo de estudos e pesquisas



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

sobre as questões étnico-raciais, e, sobretudo, que colabore para reduzir o sexismo, o racismo e as desigualdades existentes, de modo a transformar a sociedade.

REFERÊNCIAS

A BELEZA negra será política até que seja vista como natural. **Portal Geledés**. Fonte: *The Guardian*. Tradução: Alessandra Monterastelli. 16/07/2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/beleza-negra-sera-politica-ate-que-seja-vista-como-natural/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**. vol.17 no.49 São Paulo Sept./Dec. 2003 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18400.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FELGUEIRAS, Ana Cláudia M. Leal. Breve Panorama Histórico do Movimento Feminista Brasileiro. Das Sufragistas ao Ciberfeminismo. In: **Revista Digital Simonsen**, N.º 6, Maio. 2017. Disponível em: www.simonsen.br/revistasimonsen ISSN:2446-5941. Acesso em: 20 mar. 2022.

GONZALES, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização Flavia Rios, Marcia Lima. – 1ªed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução: Rainer Patriota. – São Paulo: Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. - São Paulo: Jandaíra, 2021.192p.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1ªed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O pequeno manual antirracista**. 1ªed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

